

O SEGREDO DAS FOLHAS E OS RITUAIS DE CURA NA TRADIÇÃO AFRO-BRASILEIRA

Pedro Freire Botelho¹

Resumo: A cultura negra mantém um complexo e variado saber sobre folhas, que contribui para a saúde e o bem estar da população brasileira. Esse conhecimento foi mantido através da relação com as divindades e com a natureza, compreendendo o mundo através de uma cosmologia do sagrado, onde os elementos naturais estão integrados á vida humana.

Palavras-chave: Cultura, memória, candomblé, oralidade

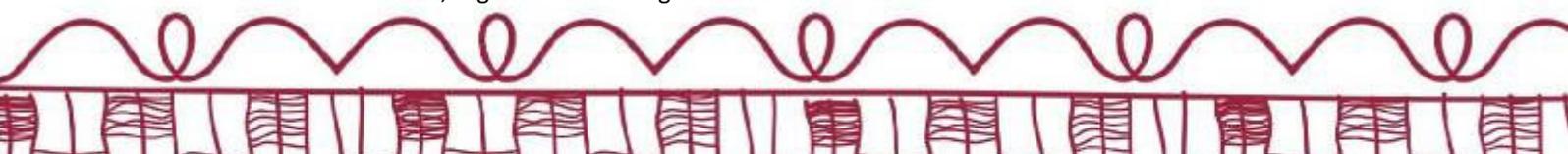
A tradição religiosa afro-brasileira agrega importantes contribuições para a sociedade brasileira, principalmente no que tange ao uso e preservação das matas, se opondo à filosofia da dominação tão disseminada pela sociedade ocidental, onde a função do homem é subjugar toda a natureza, apenas servindo-se dela.

Essa cultura africana no Brasil enriqueceu o conhecimento sobre ervas na sociedade, o seu contato com outras culturas como os povos indígenas e europeus, criou um complexo e diversificado saber sobre folhas. Além disso, o intercâmbio Brasil – África corroborou para a presença em território brasileiro de muitas espécies de vegetais de origem africana ou asiática. É inquestionável a importância que as plantas têm em todas as culturas e em todas as épocas. Quer seja para a alimentação, para a cura de doenças ou para rituais religiosos. Dentro da mística do Candomblé, religião de tradição africana de culto aos orixás², conhecer as folhas faz parte do fundamento religioso e da ligação homem – natureza – divindade.

As várias nações africanas encontraram no Nordeste brasileiro um ambiente propício para o cultivo de plantas exóticas, plantas que para as nações africanas são essenciais para a sustentabilidade da religião dos orixás. A vida das religiões afro-brasileiras é a própria vida da natureza, todos os Orixás, Inquices, Vodúns, Caboclos estão ligados a um elemento natural e se expressam através dele. Nessa mística, o ser humano é parte integrante de um todo complexo natural, assim como são as pedras, as matas, as águas e outros elementos, porque não há distinção entre o que é humano e o que é natureza

¹ Mestrando UNEB. botelho@yaho.com.br.

² Divindade Africana, segundo Pierre Verger é um ancestral divinizado.



Neste trabalho, pesquisamos o conhecimento sobre ervas no terreiro³ Ilê Axé Ogum Megê em Vitória da Conquista- BA, que está situada no sudoeste do Estado da Bahia, a 512 km da cidade de Salvador, capital do Estado. O município limita-se ao norte com os municípios de Anagé e Planalto; a leste, com Barra do Choça, Itambé e Ribeirão do Largo; ao sul, com Encruzilhada e Cândido Sales e, a oeste, com Cândido Sales, Belo Campo e Anagé.

A presença das religiões afro-brasileira na cidade de Vitória da Conquista segundo Itamar Aguiar (1999), remonta o século XIX, no entanto sua afirmação como religião com locais de culto definido aparecem em registros da década de 30, quando se tem notícias da existência de terreiros como o de Antônio de Borocô, cujo terreiro era chamado de candomblé e gira de caboclo, foi pai de santo de mãe Vitória de Petu. Ou Pai Zé Piqueno, do terreiro conhecido como de umbanda, localizado nas proximidades do bairro Jurema, e que provavelmente já funcionava nos anos 1930. Este terreiro é de onde descende o terreiro que pesquisamos, é o pai de Santo Zé Piqueno o responsável pela iniciação transmissão do conhecimento a Cely, babalorixá responsável pelo terreiro Ogum Megê.

Os candomblés pertencem a nações diversas e por isso possuem tradições diferentes, as nações de maior influência são: Angola, Congo, nagô, Ketu, Ijexá. Nos cultos afro-brasileiros de tradição Yorubá, cultuam-se os orixás, que participam de um panteão africano estimado em 401 divindades. Porém é importante ressaltar que atualmente no Brasil não estão presentes o culto a todas essas divindades, ou mesmo na África. Há aqueles que são cultuados na África e são totalmente desconhecidos entre nós, enquanto outros tiveram o seu culto extinto no continente africano, mas permanecem sendo cultuados no Brasil.

Essas divindades são ancestrais africanos que foram divinizados, mantendo uma inseparável ligação com os seres humanos. “O Orixá é uma forma pura, axé imaterial, que se torna perceptível aos seres humanos incorporando-se a um deles”. (Verger, 2002), p.19. Desse modo estiveram sempre associadas à ancestralidade das famílias, sendo cultuados pelos descendentes de um mesmo clã.

A religião dos orixás está ligada à noção de família. A família numerosa, originária de um mesmo antepassado, que engloba os vivos e os mortos. O orixá seria, em princípio um ancestral divinizado [...] (VERGER, 2002. P. 18.)

A transferência de divindades africanas para o Brasil segundo Roger Bastide

³ Espaço de realização do culto religioso afro-brasileiro, é também chamado de Ilê, casa de Santo dentre outras denominações.

(2001), ocorreu porque os Orixás se viram atraídos pela dor dos seus, a travessia do Atlântico feita pelos africanos não rompeu com a ligação mística com as divindades, estas acompanharam a angústia da dor e seguiram os ritmos dos atabaques, fixaram-se nos elementos da natureza e zelavam e zelam pela vida daqueles que os cultuam.

Os terreiros de Candomblés também se revelam como um lugar de materialização da memória coletiva dos africanos e dos seus descendentes, porque para os africanos a coletividade é o fundamento da vida, pertencer a um grupo é pertencer à sua memória. Todos esses elementos tradicionais se revelam no cotidiano das pessoas, no tratamento de uns para com os outros, na confiança e na disposição para ouvir.

Segundo Hampatê-Bá, 1982, a palavra em algumas regiões da África se empossava de um valor moral e divino, porque a palavra revelava o sentimento mais íntimo e profundo da pessoa, manipulando as cordas vocais com uma força sobrenatural, dizer é, portanto segundo este autor a revelação dos pensamentos e sentimentos, é expor-se de maneira visceral.

A palavra adota esse caráter divino nos espaços sagrados de tradição africana, o terreiro, a roça o Ilê, o centro ou caramanchão qualquer que seja a denominação, a oralidade é o elemento primordial, quer seja na transmissão dos conhecimentos, ou nas palavras de encantamento, de benzedura, ou nos cantos, o dizer atrai o encantado porque revela o desejo, as palavras movem forças mágicas, porque desperta energias, e traz presente guias e caboclos.

Todo ritual do Candomblé começa com as folhas, após o Padê de Exu ⁴e a defumação⁵, também feito com folhas secas, joga-se folhas em todo o chão do terreiro. Porém antes mesmo das cerimônias, o ritual começa já na obtenção das folhas e no cuidado que se tem com elas. As folhas usadas no terreiro são adquiridas em sua maioria numa horta comunitária, onde vários outros terreiros além do pesquisado encontram as ervas necessárias.

Percebe-se que a tradição exige um cuidado todo especial ao recolher as plantas, prefere-se buscá-las pela manhã, quando ainda estão orvalhadas, evitando as ervas que ficam próximas a estradas, a não ser as folhas de Exu, que só podem ser usadas aquelas da rua, da estrada. Segundo o babalorixá Cely, as folhas de exu são sempre recolhidas na rua por ser esse o orixá dos caminhos, aquele que abre e também fecha as estradas.

⁴ Oferenda ao orixá Exú, cultuado como o intermediário entre o mundo dos homens e o mundo dos Orixás.

⁵ Ato de queimar ervas, bálsamos sobre brasas para produzir fumaça, para atrair boas vibrações e afastar as más.

Para Idelson, o responsável para recolher as folhas inclusive as de Exú, deve-se sempre pedir ao dono da rua licença, até fazer-lhe oferenda. Pela escassez de mato no centro urbano Idelson se desloca para os distritos vizinhos à procura dessas folhas. Assim descreve Idelson.

Tem folhas do Exú também que é na rua que eu sei onde tem é cansação, urtiga, mas não é folha pra pessoa é pra assentamento, busco no povoado do campinho, vou qualquer horário peço ao dono, os mensageiros, escravos, o dono da rua, peço licença porque vou tirar. (Idelson, Vitória da Conquista - BA 2008).

Percebe-se que as folhas nessa religião pertencem aos orixás e Exú também tem suas folhas, aquelas que estão na rua, são se cultiva folha de Exú em casa devido aos atributos dessa divindade. Observa-se também a relação de respeito entre aquele que vai retirar essas folhas e a entidade presente nelas, pedir licença simboliza a constatação de que o homem não é dono da natureza e que as energias presentes nela são forças vivas e atuantes.

Quando os Candomblés basicamente se localizavam em território rural havia uma preocupação e a possibilidade de se manter no próprio terreiro um “espaço mato”, no entanto o terreiro ao qual nos ocupamos e a maioria dos terreiros atuais se localiza em grandes centros urbanos impossibilitando a existência de uma roça no próprio terreiro.

O candomblé ao longo dos anos sofreu transformações movidas pela dinâmica da modernidade, pela sociedade de mercado, exigência do tempo cartesiano e ocidental. Muitos dos rituais foram se acomodando a essas exigências, como o horário das cerimônias, devido à violência urbana ou o incômodo aos vizinhos dos terreiros.

O Candomblé está, hoje, no centro da cidade. Ao lado, muitas vezes de lojas e outros estabelecimentos comerciais, perto de hospitais, vizinho de templos pentecostais ou mesquitas, etc. é verdade, também que, os terreiros fundados em décadas anteriores na região periférica da cidade, hoje foram alcançados pelo progresso advindo da urbanização, obrigando-os a novas redes de vizinhança e novos comportamentos [...] (SILVA, 1995, P. 170/171).

Sobre essa realidade do Terreiro, e as adaptações que a religião teve que sofrer, destacamos o acesso às folhas, muitas vezes pela falta de espaço para manter “o mato da casa”, é preciso recorrer aos mercados, feiras, ou hortas comunitárias para se conseguir as folhas necessárias para os rituais religiosos.

Todo esse cuidado é observado no cotidiano do terreiro, desde a obtenção das folhas, a preocupação com a pessoa que cuidará delas, a forma de guardá-las entre outras. Há uma expectativa na certeza dos resultados, quer seja nos tratamentos de saúde, quer seja nas festas e rituais sagrados, o início de tudo que é a manipulação das

folhas tem que ser rigorosamente observado para que nada ocorra de errado.

Reverenciar a folha e pedir licença ao seu patrono que é Ossaim demonstra que o homem é apenas parte de conjunto natural e harmônico, o ser humano não é o dono de tudo, mas parte de um complexo e organizado.

No encantamento das folhas, a palavra adquire um poder de ação muito forte, porque ela está impregnada de axé, essas palavras rituais, ofó, mobilizam o axé quando pronunciada de acordo à dinâmica litúrgica. Por isso as palavras estão carregadas de emoção, da história pessoal e do poder daquele que a profere. A palavra é atuante e pronunciada no momento certo induz à ação. No universo religioso afro-brasileiro a fala é transmissora do saber que desperta o poder mágico da folha.

O processo de transmissão do saber sofreu o impacto nas mudanças nas relações de poder no interior das comunidades; no entanto, não diminuiu a importância do conhecimento e do emprego dos vegetais. As categorias básicas para as utilizações das espécies e dos textos falados e cantados em Yorubá, nos quais a palavra funciona como detonadora do àsè latente das espécies e propicia a colocação dos vegetais dentro de uma perspectiva classificatória abrangente, peculiar a este complexo cultural. (BARROS 1993:124 Apud BARROS, 2003:20).

Segundo Bastide (2001), no Candomblé há uma tríplice função da religião que é; adivinhação, colheita de ervas e culto dos antepassados. E por isso coexistem três sacerdócios com funções diferentes, mas que possuem igual valor no culto, que são o babalorixá, que preside ao culto dos orixás, o babalossaim, que presidem ao culto de Ossaim, e os babuje que presidem ao culto dos Eguns. Nesta pesquisa restringiremos a citação a do babalossaim por ser o responsável ao culto do orixá ao qual pesquisamos.

Nos países africanos onde se cultua os Orixás, este sacerdócio é tão importante quanto a do babalaô⁶, e os dois convivem no mesmo patamar da hierarquia. O babalossaim⁷ tem uma função ao mesmo tempo individual, quando cuida de casos específicos, por exemplo, os casos de doença, e possui também uma função coletiva que usa transcorrer nos rituais do terreiro. Além disso, segundo Bastide, esse sacerdócio não conhece o transe porque o seu papel é o de colher as folhas e cuidar dos rituais ao retirar as mesmas.

[...] O babalossaim penetra no reino de Ossaim mastigando um obi (e talvez também pimenta); chegando ao seu destino, volta-se sucessivamente para cada um dos quatro pontos cardeais e cospe nestas quatro direções o obi mastigado. Delimita assim, de certo modo o espaço sagrado em que vai evoluir. Penetrando no mato, começa a cantar e não deixará de cantar enquanto não tiver saído [...], embora Ossaim reine sobre todas as ervas, isto não impede que estas se

⁶ Sacerdote de Ifá, o Orixá da adivinhação.

⁷ Sacerdote responsável de cuidar das ervas e do culto ao Orixá Ossaim patrono das folhas.

classifiquem em categorias e que as categorias estejam ligadas aos diferentes orixás. [...] (BASTIDE, 1978, p.130).

Toda essa força vinda do axé das folhas facilita a incorporação mediúnica e também aumenta a saúde física e psíquica. A força do Orixá se funde na energia terapêutica do vegetal, aumentando o poder e a eficiência no organismo da pessoa. Há um equilíbrio das forças ante a magia e a demanda. É a força cósmica da natureza comandando a mente por intermédio dos aromas e princípios curativos das ervas, inclusive da descarga humana através dos banhos e defumações purificadoras que recebem das matas os elementos primordiais dessas magias. Através dessa complexa mistura de forças e aroma provenientes das ervas, provoca-se uma harmonia de vibrações.

As pessoas que estão deprimidas agente passa banho de descarrego para tirar aquela energia negativa, as folhas para banho de descarrego seria arruda, o guiné, o pião roxo. Existe a folha pra dinheiro que seria a folha da fortuna a folha da costa a folha do louro, pro amor usamos folha da maçã, rosa vermelha, cravo com alevante, a folha de sândalo. (Babalorixá Cely, Vitória da Conquista – BA, 2008).

Essas vibrações são desenvolvidas na complexa relação orixá – natureza – homem. Os Orixás que são as representações das forças da natureza têm nas folhas um princípio que está associado aos quatro elementos, as ewé ⁸afééfé – folhas de ar, as ewéínón – folhas de fogo; as ewé omi – folhas de água; as ewéilé – folhas de terra. Por isso cada orixá tem características próprias e folhas que o identificam. O ser humano nessa relação se torna receptor de toda energia do orixá e da natureza.

O terreiro vivencia todas essas cosmologias através dos mitos e ritos, a presença das folhas converge para esse universo de relações. Segundo Roger Bastide (1978), as ervas são fundamentais na abertura do terreiro, que devem ter no mastro central a “água dos axés” isto é, um líquido que contém num vaso de sangue de todos os animais sacrificados e um pouco de todas as ervas que pertencem aos orixás. José Flávio Pessoa de Barros (2003), identifica o Ágbo (água dos orixás) como a mais importante das misturas vegetais do culto aos orixás, porque é utilizada desde a iniciação até a última das obrigações, e serve como elemento de ligação entre o mundo dos orixás e o mundo dos homens.

As folhas estão presentes também na feitura⁹, momento em que a pessoa (iaô) passa a fazer parte definitivamente da religião através da iniciação. Essas folhas usadas

⁸ Folhas.

⁹ Iniciação. Preparação ritual para servir de suporte ao orixá.

para a pessoa deitar sobre elas, transmitem seu axé para a pessoa recolhida e ajuda a tornar presente o orixá. Esse momento ele é precedido de oferendas de comidas específicas dos orixás, que são entregues nas portas dos compartimentos sagrados.

Outro momento em que se usa folhas é na preparação dos banhos de amacis¹⁰ (banhos destinados a induzir o bem estar) onde as folhas devem ser maceradas e imediatamente usadas, os amacis são preparados principalmente para as cerimônias do feitura filho ou filha de santo, o banho as vezes causa um suave estado de lassidão e inconsciência, pelo qual a pessoa penetra no transe místico ou estado de santo.

Outro banho importante na ritualística da casa é o de abô¹¹, que segundo o babalorixá Cely, é também considerado um banho de descarrego é o banho que a iaô¹² toma na sua iniciação. Também se usa no terreiro muitas folhas para chás, tanto para os que estão envolvidos nas obrigações, como na feitura de santo como na rotina diária da casa.

As folhas têm essa importante separação, as que são para banho e para chás, não se pode misturá-las, por exemplo nunca se toma chás com folhas de Exú, essas são especificamente para obrigações dos assentamentos e ebós. Usa-se também muitas folhas na benzeção,¹³ nesse Ilê há uma consideração muito grande aos caboclos, que quando chegam benzem e dão conselhos sempre carregando folhas nas mãos.

O caboclo usa muita folha de coqueiro a nogueira, a madeira nova ara enfeite do salão é para tomar banho também, o caboclo gosta muito das folhas porque ele é da mata mesmo gosta de mato é um caboclo (Babalorixá Cely, Vitória da Conquista – BA, 2008).

Há outros momentos em que as folhas estão presentes, como para servir comidas aos santos, prática geralmente feita para cumprir obrigações, também em algumas festas oferece-se comida em folhas às pessoas presentes. Para se fazer alguns ebós¹⁴ também necessita-se de algumas folhas, os ebós são sacrifícios oferecidos às divindades.

Foi no Nordeste brasileiro especificamente na Bahia que os jêje-nagô encontraram maior facilidade para assimilação devido ao clima semelhante ao continente africana, mas, apesar das vastas extensões de florestas nativas, a grande maioria das espécies

¹⁰ Líquido preparado com folhas sagradas, maceradas em água das quartinhas do roncó. È destinado a banhar a cabeça dos iniciados.

¹¹ Líquido feito com folhas sagradas maceradas em água das quartinhas do roncó. Serve para banhos purificatórios.

¹² Nome que a iniciada recebe após o sundidé, banho ritual de sangue animal, tornando se esposa dos Orixás.

¹³ Ação de tentar curar males físicos e espirituais por meio de orações e rituais próprios.

¹⁴ Oferenda ou sacrifício animal, feito a qualquer animal.

vegetais encontradas aqui eram desconhecidas. Este foi um dos grandes desafios vividos pelos africanos, porque encontrar as espécies vegetais era primordial para a construção da sua cosmologia e a manutenção de sua identidade enquanto africano. Por isso, muitos vegetais nativos brasileiros foram incorporados em substituição aos africanos, para algumas espécies não havia similares, surgiu então a necessidade do intercâmbio entre os dois continentes.

Vários espécimes foram transportados pelos navios negreiros que traziam cargas clandestinas, muitas de interesse dos portugueses que introduziam no Brasil espécies nativas africanas ou originárias da Ásia, há muito aclimatadas na África [...] A introdução de algumas plantas no novo mundo, bem como as nativas, tinha para o colonizador um sentido econômico, pois barateava o custo com a manutenção dos escravos e os mantinham alimentados para enfrentar os árduos trabalhos braçais que lhes eram impostos. (BARROS, 2003, p. 12-13).

Os escravos auferiram com esse intercâmbio as folhas fundamentais para a permanência religiosa, e também assimilaram através de uma visão empírica e secular a flora nacional, ampliando ainda mais seus conhecimentos com mundo natural. Na ausência de algumas ervas de axé, o babalorixá Cely diz fazer a substituição por outras folhas.

Essa liturgia baseada no encantamento e nas necessidades diárias do africano fez destacar o uso das folhas consideradas sagradas, uma vez que mantinham a saúde física e mental, livrando-os das doenças, além de serem elementos indispensáveis ao culto de qualquer orixá. Nesta perspectiva, uma divindade se destacou como imprescindível para a sobrevivência religiosa do culto aos orixás: Ossaim, divindade das folhas e dos seus segredos, considerado o (medico), curandeiro dessa religião.

Na religião dos orixás, Ossaim é o orixá da saúde, conhecedor das folhas curativas e das ervas litúrgicas. Este orixá segundo Pierre Verger é originário de Irão, atualmente na Nigéria, perto da fronteira com o ex-Daomé, e também é conhecido por Babá Ewê, isto é "folha". Por ele descobrir primeiro o segredo das folhas, e para que elas servem, que energia elas trazem, ele é praticamente um rei. Assim como Iemanjá é a rainha da água salgada, Oxum da água doce, ele no cultivo das folhas é rei, e todos os orixás precisam das folhas. Desse modo, o orixá Ossaim possui lugar privilegiado nas casas de matrizes religiosas dos orixás no Brasil. Como dizem os antigos, "cosi ewê, cosi orixá, isto é, se não há folha, não há orixá". Devido a sua proteção, as folhas medicinais e litúrgicas, este santo é indispensável em qualquer culto do candomblé, independente do orixá que se vai reverenciar, Ossaim sempre está presente devido a necessidade de se utilizar plantas em todos os rituais. "Ossaim é a divindade das plantas medicinais e

litúrgicas. A sua importância é fundamental, pois nenhuma cerimônia pode ser feita sem a sua presença, sendo ele o detentor do áse (o poder), imprescindível até mesmo aos próprios deuses". (VERGER, 2002 p.122).

Este orixá possui características específicas e muito peculiares, para ser a divindade do mato, ele mantém certo distanciamento da vida humana, ele é um orixá muito dado, mas também muito agreste. Segundo Roger Bastide, "o reino de Ossaim começa onde acaba o reino dos homens" (BASTIDE, 1978, p.155). Segundo Pierre Verger o arquétipo de Ossaim é o das pessoas de caráter equilibrado, capaz de controlar seus sentimentos e emoções. Daqueles que não deixam suas simpatias e antipatias intervirem nas suas decisões ou influenciarem as suas opiniões sobre as pessoas e acontecimentos. Porém, os filhos de Ossaim entrevistados nesta pesquisa assumiram a postura do seu orixá, com um comportamento distanciado da vida social, e conservando poucas amizades. O povo de Ossaim é mais tímido seletivo, pessoas que gostam das coisas, não diria corretas, mais na raiz, na radicalidade, não gosta de muita relação social.

Geralmente as características do orixá se reproduzem no seu "cavalo", ser de Ossaim implica ter na sua essência os atributos pessoais desse orixá, para saber de si e compreender as suas idiossincrasias é mister conhecer profundamente o comportamento do seu orixá. Para alguns frequentadores do terreiro "Ossaim é muito difícil de labutar, porque ele é meio selvagem, muito brabo, valente e não se encontra em todas as casas. Este orixá possui pouco contato com os homens, e é difícil de encontrar um filho de Ossaim".

No Brasil Ossaim é cultuado na terça-feira e na quinta-feira, assim como outros orixás da mata, variando de acordo com cada Ilê, sua cor é verde e branco. Esse orixá segundo Verger vive na floresta em companhia de Aroni, um anãozinho que tem uma única perna e fuma constantemente. Aroni é uma entidade pouco citada nas casas onde foram realizadas as entrevistas, alguns se negaram a falar sobre esta entidade, devido ao seu caráter negativo, outros sacerdotes o citam como o escravo de Ossaim sem o qual Ossaim não pode atuar.

Entre os dezesseis orixás que resistiram na memória e na crença do povo africano, Ossaim teve uma importância singular na conservação dos fundamentos religiosos e ainda hoje, apesar das adversidades existentes nas matas virgens, essa divindade tem uma presença constante nos Candomblés de tradição dos orixás.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Itamar de. **As Religiões afro-brasileira em Vitória da Conquista:**

caminhos da Diversidade. Dissertação de Mestrado apresentado à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/São Paulo – 1999.

BA, Hampaté A. **A tradição viva.** In: **Ki Zerbo J. História geral da África – Metodologia da África.** São Paulo: África; Paris: UNESCO, R. 181 – 218.

BANDEIRA, Cavalcanti. **O que é Umbanda.** 2ª. edição,. Rio de Janeiro. Editora Eco, 1973.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia.** 2ª. edição. São Paulo. Ed. Nacional, 1978.

_____ **As religiões Africana no Brasil.** São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo.1971.

BARROS, José Flávio Pessoa de. **Ewé Orisà: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé jêje-nagô.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª. ed.2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

BRAGA, Júlio. **Oritamejé: O antropólogo na encruzilhada, Feira de Santana:** Universidade estadual de feira de Santana, 2000.

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário afro-brasileiro: com origem das palavras.** 2ª. edição. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros I.** São Paulo, ALMED, 1988.

CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia.** 9ª. edição. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2002.

CONCONE, Maria Helena Vilas Boas. **Umbanda: uma religião brasileira.** São Paulo, FFLIUSP, CER, 1987.

COSTA, Valdeli Carvalho Da. **Umbanda: os seres superiores e os orixás santos vol.1** São Paulo, edições Loyola, 1983.

ELIADE, Micea. **Dicionário das Religiões.** 2ª.Ed. São Paulo: Martins Fontes , 1999.

_____ **O Sagrado e o Profano.** Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____ **Tratado de História das Religiões.** Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes, 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A Arte de Curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais.** Vício de leitura. 2002.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.** Petrópolis, Vozes, 1997.

_____A Interpretação da Culturas. Tradução de Fanny wrobel. Rio de Janeiro: Zahar editor, 1978.

_____Nova Luz Sobre a Antropologia. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

GOMES, Vera Braga de Souza. **Umbanda Sem Estigmas Fundamentos esotéricos do ritual da Umbanda.** Mudra. Rio de Janeiro. 1984.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva** . Vértice, São Paulo, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 7ª. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HERNADEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita `história contemporânea.** – São Paulo: Selo Negro, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 20 ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

LUHNING, Ângela. **Ewé: Plantas brasileiras e seus parentes africanos.** Faces da tradição afro-brasileira. Rio de Janeiro. Palias, salvador-ba: CEAO, 1999

LUZ, Marco Aurélio de Oliveira. **Agadá: dinâmica da civilização africana - brasileira.** 2^ª. edição. Salvador: EDUFBA, 2000.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento e silêncio.** In Estudos Históricos. 1989/3. são Paulo. Cpdoc/FGV.

_____ **Memória e identidade social.** In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1992. Vol.6

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo. Companhia das letras , 2001.

_____ **Os candomblés de São Paulo.** São Paulo. HUCITEC: editora da Universidade de São Paulo, 1991.

QUERINO, Manuel. **A Raça Africana e os seus Costumes.** Salvador. Progresso editora. 1955.

RAMOS, Arthur. **O Negro Brasileiro.** 2^ª. edição. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1940.

_____ **As culturas negras: introdução à antropologia brasileira.** Vol. III,

4ª. Ed. Rio de Janeiro, Guanabara,

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1985 – Edição revista e ampliada** – São Paulo: companhia das letras, 2003.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 5ª. Ed. São Paulo. Ed. Nacional; editora da Universidade de Brasília, 1998.

SALES, Nívio Ramos. **Rituais Negros e Caboclos**. 2ª. edição. Rio de Janeiro. Pallas, 1984.

SANTOS, Joana Elbein dos. **Os Nagô e a Morte** . Petrópolis. Vozes, 1986.

SILVA, Vagner Gonçalves Da. **Orixás da Metrôpole**. Petrópolis, RJ, 1995.

SODRÉ, Muniz. O terreiro e a Cidade: A forma social negro-brasileiro. Rio de Janeiro. Imago Ed. Salvador – BA, Fundação Cultural do estado da Bahia, 2002.

_____ **A verdade seduzida** – Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 3ª. Ed.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed Vozes, 1995.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás deuses Iorubás na África e no novo mundo/** tradução Maria Aparecida da Nóbrega. 6ª. Ed. Salvador: Corrupio, 2002.